



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2013: SIC - XXV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2013
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	Uma Análise sobre a Categoria "Disfunção Sexual Feminina" na Divulgação e Medicamentos e Campanhas
<b>Autor</b>	MARCELLE SCHIMITT
<b>Orientador</b>	FABIOLA ROHDEN

Este trabalho insere-se no projeto “*Gênero, sexualidade e envelhecimento na promoção de novos diagnósticos médicos*”, que investiga a produção de discursos e intervenções médicas relacionadas à sexualidade e envelhecimento, com foco específico nas seguintes categorias de diagnóstico: menopausa, andropausa, disfunção sexual masculina e feminina. Neste trabalho irei me ater a identificar diferentes discursos relacionados às disfunções sexuais femininas no período entre março de 2012 e maio de 2013. A fim de entender como vem se dando as relações entre a divulgação de novos medicamentos e o discurso médico acerca das disfunções sexuais femininas no último ano, realizei uma pesquisa exploratória onde se destacaram alguns acontecimentos que considero de maior relevância e sobre os quais centralizarei minhas análises. São eles: o desenvolvimento dos medicamentos Tefina e Lybrido/Lybridos e o lançamento da campanha Your Voice, Your Wish nos Estados Unidos. Através de uma análise cuidadosa dos discursos empregados na divulgação e promoção dos dois medicamentos e da campanha anteriormente citada, pretendo explorar a própria definição de disfunção sexual feminina neles contida. Para tanto, foram feitas pesquisas a partir do buscador google e dos sites New View Campaign e Seeing Sickness, utilizando, para isso, as palavras-chaves: disfunção sexual feminina; parafilias; reposição hormonal feminina, desejo sexual hipotativo; medicalização da sexualidade feminina. Ao adotar uma postura um pouco mais reflexiva acerca da categoria “disfunção sexual feminina” e da informação - amplamente divulgada por laboratórios médicos - de que 43% das mulheres entre 18 e 59 anos sofreriam de algum tipo de problema relacionado à sua sexualidade, podemos obter análises interessantes sobre o tema. Uma pesquisa mais aprofundada nos sugere que tanto a “disfunção sexual feminina” quanto a porcentagem insistentemente ligada a ela são superestimadas pelas campanhas de laboratórios farmacêuticos e associações ligadas à saúde sexual da mulher. Além disso, nota-se que, desde o lançamento do Viagra em 1998, há uma visível ansiedade por parte da indústria farmacêutica em lançar uma droga especialmente voltada ao desempenho sexual da mulher. Dessa maneira, a partir dos dados analisados é possível delinear um quadro que apresenta discursos que relacionam as disfunções sexuais femininas a questões hormonais, bem como a procura por um tratamento médico por parte das mulheres como um avanço no que diz respeito à liberdade sexual e ao empoderamento feminino. Contudo, os medicamentos e alternativas recentemente divulgados apostam em tratamentos pontuais que, na grande maioria dos casos, são voltados para a reposição hormonal, e, apenas em raros momentos se referem ao plano psicológico ou social da sexualidade feminina. Sendo assim, podemos costurar uma pequena teia de relações que apresenta - como antes já fora apontado por estudiosos da área da antropologia da ciência e psicólogos sociais - uma tendência cada vez maior de diagnósticos que partem de um paradigma biologizante, indicações de tratamentos estritamente baseados na medicalização da sexualidade feminina, bem como uma exagerada insistência na promoção de uma categoria diagnóstica – disfunção sexual feminina – envolta por uma atmosfera de dúvida e interesses econômicos.